

O POTENCIAL DA PEDAGOGIA FREIRE-HOOKIANA NA PROMOÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIOPRESSIVA

Yaci Maria Marcondes Farias ¹

RESUMO

Neste texto busquei analisar o potencial das contribuições teóricas de Paulo Freire e bell hooks, de maneira interseccionada, para a promoção de uma educação antiopressiva. Para isso, elenco pontos-chave das teorizações dos dois autores que entendo contribuem diretamente para promoção de um ensino crítico, dialógico, comprometido com a transformação da realidade opressora. Em seguida, desenvolvo brevemente os pressupostos da educação antiopressiva e como Freire e hooks, em uma pedagogia freire-hookiana, podem contribuir para tal.

Palavras-chave: bell hooks, Paulo Freire, Pedagogia freire-hookiana, Educação antiopressiva.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste ensaio é analisar o potencial da intersecção das contribuições teóricas de Paulo Freire e bell hooks² para a promoção de uma educação antiopressiva. Procurei definir o que chamo neste texto de pedagogia freire-hookiana, e ao mesmo tempo, pautar um diálogo acerca de uma forma de ensinar crítica, problematizadora e comprometida com uma educação antiopressiva, ou seja, com uma maneira de ensinar engajada na luta contra as diversas formas de opressão que assolam nossa sociedade.

Tendo a relevância de suas produções para o campo da educação já amplamente debatida, é consenso que estes dois intelectuais, representantes da pedagogia crítica, têm o potencial de direcionar um ensino crítico, que busca a transformação social, comprometido com as questões e agências dos(as) oprimidos(as), subalternizados(as), buscando o entendimento acerca das dinâmicas que sustentam as relações de exploração e dominação em nossa sociedade e dos espaços de ação para a resistência.

Para alcançar o objetivo, discorro brevemente sobre pontos chave que, entendo, interseccionam mais fortemente as contribuições teóricas de Paulo Freire e bell hooks, convergindo para a ideia de uma pedagogia crítica freire-hookiana. Procurei focalizar mais

¹ Doutoranda do Programa de pós-graduação em ensino, filosofia e história das ciências da Universidade Federal da Bahia, BA, yacimfarias@gmail.com

² bell hooks é grafado em letras minúsculas para, segundo a autora, enfatizar não a sua pessoa, mas as suas obras e contribuições teóricas.

detidamente no papel de bell hooks, como intelectual feminista negra, em se apropriar e ampliar o pensamento freiriano e, conseqüentemente, a própria pedagogia crítica. Porém, é importante pontuar que essa proposta de associar de forma mais direta os pensamentos de Freire e hooks não é novidade. Estudos recentes no Brasil vêm chamando a atenção para o potencial – mas também para a negligência de parte da academia – em interseccionar os pensamentos destes dois intelectuais no campo da educação, principalmente nas pesquisas voltadas para uma educação feminista, antirracista e/ou para os direitos humanos (MARIZ, 2021; MOURA et al., 2019; SQUIZATO IZIQUE et al., 2021).

Neste artigo busquei contribuir para este debate, na medida em que não só analiso, mas defendo o potencial de uma pedagogia freire-hookiana, ou seja, a junção de alguns dos principais pressupostos teóricos destes dois autores, na promoção de uma educação comprometida com a luta antiopressão.

INTERSECÇÃO ENTRE FREIRE E HOOKS: A PEDAGOGIA FREIRE-HOOKIANA

Paulo Freire, “considerado por muitos como o filósofo educacional mais influente no desenvolvimento do pensamento e da prática pedagógica crítica” (DARDER et al., 2017, p. 6), formulou sua perspectiva de educação profundamente vinculada às questões políticas e sociais. Para ele, a educação, e o ato de ensinar, deveriam superar a concepção tradicional de obtenção de conhecimento, a mera memorização acrítica de conceitos (educação bancária), para alcançar uma condição na qual, calcada na dialogia e na realidade e experiência dos(as) educandos(as), se convertesse na aquisição de conhecimento de forma profunda e verdadeira. A educação, então, foi vista por Freire como um ato político que, através de uma pedagogia crítica, que busca desenvolver consciência crítica nos sujeitos, tornaria possível a transformação social e cultural das classes sociais oprimidas para condições mais humanizantes (FREIRE, 2019a, 2019b).

A pedagogia crítica é, portanto, aquela comprometida com a transformação social, comprometida com aqueles e aquelas que sofrem opressões, que não têm suas vozes ouvidas, consideradas. É uma pedagogia que apresenta em sua fundação o pensamento dialético e uma crítica sistemática às iniquidades sociais, que ao serem entendidas como construções históricas e, desse modo, não naturalizadas, são passíveis de serem desconstruídas (MACLAREN, 1997). Essa pedagogia procura reforçar o protagonismo daqueles(as) silenciados, excluídos e marginalizados, comprometendo-se e dialogando com e junto deles(as), nunca para eles(as)

(FREIRE, 2019a). É justamente essa orientação dialética, ou seja, a análise dos problemas e desigualdades vividos pelos sujeitos em suas realidades, que proporciona à educação ser uma arena de transformação e resistência, em grande parte, resistência às desigualdades e opressões legitimadas em seu próprio interior. A pedagogia crítica vê, portanto, a educação como um instrumento político que objetiva a superação das desigualdades e injustiças sociais.

Ao propor uma educação transgressora, vinculada à pedagogia crítica e ancorada profundamente na perspectiva freiriana, bell hooks passa a criticar esta pedagogia desde dentro, pois, uma vez assentada em bases críticas aos sistemas de dominação calcados nas diferenças de classe (e sempre por meio de teorias e vozes dos homens e mulheres brancas), deixava uma lacuna acerca de outras formas de opressão, como as de raça e gênero (HOOKS, 2019). E é justamente esta perspectiva que sustenta grande parte de sua contribuição teórica para a ampliação do pensamento freiriano, e mais do que isso, para novas formulações e formas de enxergar o mundo. Assim, essa intelectual desenvolveu sua pedagogia crítica calcada em uma prática pedagógica anticolonialista, anticapitalista, antirracista e feminista, com o intuito de questionar os sistemas de dominação que, a seu ver, se manifestavam na desigualdade entre as classes sim, mas também através do sexismo, racismo e colonialismo (HOOKS, 2013).

Portanto, e levando em consideração o contexto social e político brasileiro à época, Freire teorizou, desenvolveu seus conceitos e análises a partir da opressão de classe. Esse fato ocasionou limitações em sua teoria no que se refere a análise das relações de opressão no interior do próprio território brasileiro, pois relega a condição secundária opressões de raça e gênero, por exemplo. Apesar disso, entendo que a própria denominação dada por ele à dinâmica de opressão (relação oprimido-opressor) já carrega em si um potencial de abstração para outras opressões. Por isso, a associação com as contribuições teóricas de bell hooks fez-se imperativo, pois, ao criticar e apontar limitações em Freire, hooks elabora, como vimos mais acima, sua pedagogia crítica, numa visão mais ampla, abarcando também uma perspectiva feminista, antirracista e decolonial. Portanto, bell hooks parte do pensamento freiriano, mas incorpora e propõe debates e teorias outras que buscavam entender as relações de opressão de forma mais ampla. Sendo assim, ao interconectar estes dois intelectuais, procurei subsídios teóricos que fundamentassem e chamassem a atenção para uma prática antiopressiva de educação.

As contribuições de Paulo Freire e bell hooks se interseccionam mais fortemente em torno de três fundamentos que representam e caracterizam a pedagogia freire-hookiana: dialogicidade, consciência e engajamento críticos e compromisso com a transformação social. Os dois primeiros se apresentam como fundamentos necessários para que o último, a transformação social, seja realmente possível. Ou seja, os dois primeiros fundamentos se

encontram na convicção da educação como meio de interferência na realidade; que ao modificá-la, à medida que se desenvolve consciência e engajamento críticos, concebe a possibilidade de um mundo justo, igualitário e amoroso, pautado no respeito e no diálogo. No entanto, para que isso seja possível é preciso que o(a) docente se liberte de práticas pedagógicas bancárias, que objetivam simplesmente o depósito e memorização de conteúdos, da relação educador(a)-educando(a) vertical e hierarquizada, da concepção de que o(a) discente é alguém passivo e destituído de qualquer conhecimento.

Em sua busca para entender o diálogo como um fenômeno humano, Paulo Freire encontra a palavra, não só como um meio fundamental para que o diálogo aconteça, mas também como algo constituído por duas dimensões: ação e reflexão. Se a palavra é ação e reflexão juntas, então “não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo” (FREIRE, 2019a, p. 107). O diálogo, então, é condição essencial para que haja o desenvolvimento de um pensamento crítico que problematiza as relações no mundo. É este “encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo” (FREIRE, 2019a, p. 109). Uma vez que o diálogo é uma exigência existencial, esse seria o caminho para a humanização. A dialogicidade, porque política e transformadora, estaria, portanto, na essência da educação como prática da liberdade.

O diálogo, para bell hooks, é um dos principais meios – e o mais simples – pelos quais docentes e demais pesquisadores(as) podem se engajar em propostas pedagógicas críticas, enfrentar ou cruzar fronteiras e barreiras erguidas, por exemplo, pelas questões de raça, gênero, classe. Para ela, a esperança presente no diálogo é também parte do trabalho do(a) educador(a), que deve, sempre, lutar pela denúncia contra todas as formas de opressão (HOOKS, 2020). Essa esperança também está presente como um dos fundamentos do diálogo, conforme Freire, que explica que essa não é aquela esperança na qual aguardamos passivamente que algo aconteça, mas é a mesma que nos impulsiona durante a luta e que, ao lutarmos, esperamos que se realize (FREIRE, 2019a).

A dialogicidade na educação é, portanto, um dos pontos chave da prática pedagógica destes dois intelectuais e, desse modo, caracteriza o primeiro fundamento da pedagogia freire-hookiana. É impossível dizer-se alinhado à pedagogia crítica e não possuir uma práxis que tem no diálogo horizontal seu ponto mais fundamental. Como se engajar em um ensino que se propõe antiopressão, comprometido com as lutas antirracistas, antissexistas, anticlassistas, mas somente uma voz – a que detém o poder e o privilégio de fala - é ouvida e considerada?

Por isso, na pedagogia freire-hookiana a ênfase na voz é um ponto de suma importância. A educação transformadora, como prática da liberdade, segundo hooks, não deve ser entendida

como aquela que se relaciona apenas com um conhecimento libertador, mas sobretudo, com práticas libertadoras em sala de aula. A ênfase na voz dos(as) educandos(as), conferindo um lugar de relevância aos saberes e experiência pessoal é fundamental para que seja criada uma pedagogia libertadora (HOOKS, 2013). Achar a própria voz e falar. E ao falar, dialogar. E no diálogo, na troca dialógica de ideias, desenvolver consciência e engajamento críticos para a transformação da realidade opressora. Esses são resultados poderosos de uma educação crítica-transformadora e que contrariam veementemente a cultura do silêncio tal qual colocado por Paulo Freire.

A consciência e engajamento críticos, segundo fundamento da pedagogia freire-hookiana, são resultados de um ensino comprometido com o desenvolvimento do pensamento crítico nos(as) educandos(as). Para bell hooks, pensar é uma ação. Ação porque une teoria e prática na busca pelo saber. Para essa autora, somente através de uma pedagogia engajada é possível desenvolver nos(as) estudantes a capacidade de pensamento ou consciência crítica. Isso porque para pensar criticamente é necessário que haja um total engajamento de todas as pessoas envolvidas na dinâmica de sala de aula. Esse pensar crítico só se torna possível, no entanto, se vivermos a plenitude da práxis, ou seja, a ação que se origina de uma reflexão crítica, proveniente da organização do pensar voltado para a superação de um conhecimento ingênuo da realidade (FREIRE, 2019a; HOOKS, 2013). Assim, a educação transformadora ou educação como prática da liberdade precisa, necessariamente, vir de uma pedagogia que dê condições aos sujeitos na posição de oprimidos(as) de “através de uma ação reflexiva e conscientização crítica, se descobrir e se conquistar como sujeito da sua própria destinação histórica” (FREIRE, 2019a, p. 6).

O pensamento crítico, para Freire, é também um ato político. Para esse autor, a educação deve promover o desenvolvimento de sujeitos capazes de analisar, julgar e agir acerca de suas realidades social, histórica e cultural. Através do que ele chama de conscientização crítica, a educação se torna uma ferramenta de humanização e transformação social, possibilitando aos(as) educandos(as) maiores possibilidades de reconhecerem e reivindicarem seus direitos. Assim, uma práxis ancorada na pedagogia freire-hookiana valoriza discussões em torno de inúmeros pontos necessários para o desenvolvimento de uma consciência e engajamento críticos: estar atentos(as) as diferentes maneiras em que podemos interpretar a realidade; fazer julgamentos morais e éticos a partir das diferentes realidades vivenciadas pelos sujeitos; analisar as dificuldades e desigualdades vivenciadas pelas pessoas nos diferentes segmentos da população; reconhecer-se como personagens históricos, condicionados e inacabados e

compreender as relações opressivas que existem em seu próprio contexto mas também em um contexto global (ANDRADE, 2020).

Assim, percebo uma tríade poderosa na pedagogia freire-hookiana que é a prática dialógica / conscientização crítica / transformação social. Essa última, a transformação da realidade opressora, desumanizante, aparece como o objetivo principal do pensamento político-pedagógico de Freire e hooks, ou seja, é preciso entender a educação como uma prática política. A partir desse entendimento é possível, através da educação crítica, promover a transformação da realidade opressora através da superação das relações de opressão e dominação. Para isso, o espaço da sala de aula é lugar de destaque, uma vez que, através de uma práxis engajada, o(a) docente pode transformá-la em um ambiente cujo o ativismo político-social estaria presente na medida em que se faz da educação um ato contra hegemônico através do ensino e compartilhamento de conhecimento “de maneira a não reforçar as estruturas de dominação existentes” (HOOKS, 2013, p. 203), fazendo da educação uma prática para a liberdade.

Obviamente, o(a) docente, sozinho(a), não pode ser encarado ou responsabilizado como único agente comprometido com esse processo. É preciso que consideremos também as variantes e condicionantes que permeiam a profissão docente: as condições de trabalho, apoios e incentivos para exercerem sua práxis com liberdade, respaldo da gestão das instituições de ensino, entre outros, são fatores importantes e que devem ser considerados nesta reflexão.

PEDAGOGIA FREIRE-HOOKIANA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIOPRESSIVA

Promover um ensino pautado no desenvolvimento do pensamento crítico e na dialogia dá conta de formar sujeitos comprometidos – e que ajam – para a transformação da realidade opressora? O diálogo entre Paulo Freire e bell hooks tem o potencial de auxiliar docentes engajados com a transformação social ao se traduzir em uma prática de ensino comprometida com a luta antiopressão. Kumashiro conceitua educação antiopressiva (doravante, EAO) como um “termo genérico utilizado para se referir a teorias e práticas pedagógicas destinadas a diminuir a injustiça hegemônica que marginaliza e prejudica certos grupos sociais em detrimento de outros” (KUMASHIRO, 2000, p. 26). Desse modo, explica o autor, esse conceito pode ser utilizado para práticas de educação que busquem desafiar as hierarquias que mantêm as desigualdades por meio de relações desiguais de poder. Para isso, podemos lançar mão de uma gama de pedagogias construídas a partir de uma ampla variedade de influências teóricas, como por exemplo, a pedagogia freire-hookiana apresentada nesse artigo.

A opressão, pela qual a EAO objetiva desafiar, é entendida por Kumashiro como “dinâmica social na qual certas formas de estar neste mundo, incluindo certas formas de se identificar ou ser identificado, são normalizadas ou privilegiadas, enquanto outras formas são desfavorecidas ou marginalizadas” (KUMASHIRO, 2000, p. 25). Para Freire, a opressão é caracterizada como um processo relacional que inviabiliza a vocação histórica dos sujeitos em serem mais. Relacional porque a opressão se materializa na relação oprimido-opressor, e a desumanização – consequência desse processo – afeta os dois agentes, ainda que de formas diferentes. O opressor desumaniza-se no ato da opressão, enquanto o oprimido é desumanizado pela realidade objetiva da opressão (FREIRE, 2019a).

O racismo, juntamente com o patriarcado, faz parte da matriz que estruturou a sociedade brasileira: os séculos de colonização, de tráfico de africanos escravizados e de um sistema escravista brutal, a exploração e extermínio dos povos indígenas resumem essa matriz opressiva constitutiva do Brasil, em profunda conexão com o desenvolvimento do sistema capitalista global e de como o país se inseriu nesses sistemas (CARNEIRO, 2011; GONZALEZ, 1984). Para entender as especificidades das questões sociais marcadas pelas opressões no Brasil, principalmente o racismo, é preciso trazer à tona o fato de que o país teve, durante mais de trezentos anos, um regime escravista que deixou profundas ressonâncias ainda nos dias atuais: no acesso a saúde, educação e moradias de qualidade, trabalhos mal remunerados, violência policial e uma infinidade de outras questões que assolam profundamente a população negra e que caracterizam esse racismo que, como diz Almeida (2019), é estruturante da sociedade brasileira.

Pesquisando os dados estatísticos acerca das taxas de homicídios por raça e gênero no território brasileiro e as diferenças salariais entre homens e mulheres, considerando raça, vemos que no primeiro caso, segundo o Monitor da Violência (uma parceria entre o Fórum Brasileiro de Segurança Pública e o Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo-USP), em 2020 78% dos homicídios realizados pela polícia foram de pessoas negras. Considerando que onze estados não informaram a raça dos mortos pelas suas polícias, este será um dado potencialmente subnotificado. Esses números refletem diretamente o que acontece quando olhamos para os dados relativos ao percentual de mulheres mortas, por violência, no ano de 2020: 73% das mulheres assassinadas no Brasil eram negras (NEV - Núcleo de Estudos da Violência da USP, 2020).

Em relação às desigualdades salariais no Brasil, o que vemos é que mesmo com ensino superior, as mulheres ainda recebem menos que os homens. Quando incluímos a questão racial, a desigualdade é ainda mais acentuada, tanto entre as mulheres quanto em relação aos homens.

A diferença salarial entre os homens negros e não negros gira em torno de aproximadamente 45% a menos para os homens negros. A diferença entre o rendimento médio de mulheres e homens não negros é de aproximadamente 12,7% a menos para as mulheres. Esses dados reforçam e refletem muito bem o sexismo e racismo estruturais e estruturantes da sociedade brasileira (IBGE, 2021).

Por estes motivos é que, em uma educação que se propõe lutar contra as várias formas de opressão embasada pela pedagogia freire-hookiana, é imprescindível o desenvolvimento, dentre outras questões, de um pensamento que é crítico aos privilégios e à alterização. É importantíssimo promover um ensino que fomente discussões e desenvolva pensamento crítico não só sobre as opressões em si – racismo, sexismo, classismo, etc. – mas da dinâmica opressiva e relacional existente no par oprimido-opressor. Esse entendimento nos coloca em contato direto com as perspectivas freiriana e hookiana de educação, uma vez que busca-se promover uma consciência crítica sobre as estruturas opressivas como meio ou uma estratégia importante para a transformação social. Sobre essa questão, alguns autores e autoras apontam, como importante estratégia que vai de encontro a essa proposta, a possibilidade de utilização dos conteúdos obrigatórios das variadas disciplinas escolares como gancho ou ancoragem para a abordagem de questões sociais, políticas, culturais relevantes para nossa sociedade (FARIAS, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enxergo a pedagogia freire-hookiana como fundamento para a promoção de uma educação antiopressiva, como uma expressão daquilo que Freire chamou de inédito viável³. Uma outra maneira possível de exercer a prática pedagógica, calcada na utopia de que é possível a construção de uma outra sociedade, livre de opressões. Acredito nessa utopia, assim como Freire: uma “unidade inquebrantável entre a denúncia e o anúncio. Denúncia de uma realidade desumanizante e anúncio de uma realidade em que os homens possam ser mais” (FREIRE, 2019a, p. 102).

A pedagogia freire-hookiana, então, é essa pedagogia que está atenta e valoriza a dialogicidade na sala de aula, interessada no desenvolvimento do pensamento crítico pelos(as)

3 Segundo Freire, Inédito viável são situações humanizantes que uma vez inéditas, tornam-se possíveis através das ações daqueles(as) na condição de oprimidos(as), que, ao desenvolverem consciência crítica, agem para superar as situações-limites, a realidade desumanizante em que vivem.

estudantes, vislumbrando, sempre, a possibilidade – por meio da educação - da transformação da realidade opressora, desumanizante.

Isto é ainda mais importante se pensarmos no contexto político brasileiro dos últimos anos (governo federal 2019-2022), em que enfrentamos os absurdos de um governo com pensamentos retrógrados, que flertavam perigosamente com o fascismo, que compactuava e incentivava comportamentos racistas, sexistas, classistas, LGBTfóbicos e antidemocráticos. Por isso é que entendo que propostas desta natureza, que propõem uma formação crítica e humanista pautada em uma educação antiopressiva, que busca questionar as dinâmicas de opressão, me parecem não só necessárias, mas urgentes.

Desse modo, tomando esse contexto político, considero importante salientar mais uma vez a importância de um ensino crítico às dinâmicas de opressão que marginalizam e inferiorizam grupos inteiros de pessoas, com a intenção última de contribuir para a transformação da realidade desumanizante em que se vive/vivemos.

Ao defender a pedagogia freire-hookiana para uma educação antiopressiva tanto nos contextos universitários quanto da educação básica, busquei pensar uma educação que não separa o político do pedagógico e contribuir para a conscientização docente em prol de uma atuação socialmente implicada, admitindo a possibilidade de um ensino dialógico e pautado na prática da liberdade, com vistas a formar sujeitos críticos, que contribuam para um mundo menos injusto, menos discriminatório.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no âmbito do edital CAPES/PRINT UFBA 001/2021, pelo auxílio financeiro na realização do estágio sanduíche no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, que tornou possível a escrita deste texto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. Racismo Estrutural. 1ª edição. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.

ANDRADE, M. A. Diálogos entre a abordagem de questões sociocientíficas sob o enfoque ciência, tecnologia, sociedade e ambiente e a pedagogia freireana na formação de professores/as

de ciências para os anos iniciais. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2020.

CARNEIRO, S. Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil. 1ª edição. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011.

DARDER, A.; BALTODANO, M.; TORRES, R. The Critical Pedagogy Reader. 3ª edição. Londres: Routledge, 2017.

FARIAS, Y. M. M. “Uma canção pra você”: A música em uma proposta de Sequência Didática voltada para um ensino de biologia não sexista. Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio, 13(2), 268–288, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.46667/renbio.v13i2.360> Acesso em: 30 de abr. 2023.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 78ª edição. São Paulo: Paz & Terra, 2019a.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. 1ª edição. São Paulo: Paz & Terra, 2019b.

GONZALES, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, 21, 1984.

HOOKS, B. Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HOOKS, B. Teoria feminista: Da margem ao centro. 1ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HOOKS, B. Ensinando pensamento crítico: Sabedoria prática. 1ª edição. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. PNAD-Contínua - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, 2020. Disponível em: [Divulgação anual | IBGE](#). Acesso em: 14 mai. 2023.

KUMASHIRO, K. Toward a Theory of Anti-Oppressive Education. Review of Educational Research, 70(1), 29, 2000.

MACLAREN, P. A vida nas escolas: Uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação. 2ª edição. São Paulo: Artes Médicas, 1997.

MARIZ, S. F. Paulo Freire, bell hooks e a construção de uma Pedagogia feminista crítica. Olhares: Revista do Departamento de Educação da Unifesp, 9(3), 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34024/olhares.2021.v9.12541> Acesso em: 14 mai. 2023.



MOURA, A. D. de; NERI, I. T. T.; LOBATO, V. L. D. C. Por uma educação feminista na Amazônia: Diálogos entre Paulo Freire e Bell Hooks. *Revista Amazônida: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas*, 4(1), 01, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.29280/rappge.v4i1.4934> Acesso em: 14 mai. 2023.

NEV - Núcleo de Estudos da Violência da USP. *Monitor da violência*, 2020. Disponível em: <https://nev.prp.usp.br/projetos/projetos-especiais/monitor-da-violencia/> Acesso em: 14 mai. 2023.

SQUIZATO IZIQUE, V.; COVAS RUSSI, S.; De AQUINO, G.; SPINIELI, L. P. Educação e(m) direitos humanos: Propostas de uma pedagogia crítica pensada a partir de bell hooks e Paulo Freire. *DIGNIDADE RE-VISTA*, 7(12), 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.DigRev.53788> Acesso em: 14 mai. 2023.